

# Desemprego no DF é menor mas taxa continua elevada

*Pesquisa mostra que Brasília tem o maior índice de desempregados*

ANA SÁ

O desemprego em Brasília está diminuindo desde julho do ano passado. Estima-se que 7.300 trabalhadores deixaram a condição de desempregado em 1996. Os dados são da Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED) e foram divulgados ontem pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômico (Dieese). Em dezembro foi registrada a menor taxa de desemprego do ano: 15,4%.

Apesar da queda, a Capital do País continua recordista na taxa de desemprego se comparada ao desempenho de São Paulo, Curitiba ou Belo Horizonte, onde são feitas pesquisas idênticas. São 122.800 pessoas sem emprego no DF. O desemprego atinge mais as pessoas na faixa etária de 18 a 24 anos e os desempregados sem experiência anterior.

Mas o Plano Piloto e Lagos Norte e Sul continuam apresentando taxas de desemprego de primeiro mundo. Apenas 7% da população economicamente ativa estão desempregadas. A pesquisa confirma, contudo, que em dezembro o desemprego atingiu as pessoas de renda mais alta, passando de 7,1% em novembro para 7,4%. As cidades-satélites, que tradicionalmente apresentam os maiores índices de desemprego - 19% a 20% -, registraram queda em dezembro.

Cidades como Gama, Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Guarã, Cruzeiro e Candangolândia, cuja renda de seus moradores é considerada média, apresentaram redução de 2,7%. Ceilândia, Brazlândia, Samambaia, Paranoá, São Sebastião e Santa Maria, registraram queda de 1,0%.

**Aumento** - Em dezembro de 1996, seis mil pessoas foram incorporadas ao



**Sine registra milhares de pessoas em busca de emprego, a maioria ex-trabalhadores do setor comercial**

mercado de trabalho, aumentando para 795 mil a população economicamente ativa do Distrito Federal. A queda na taxa do desemprego, segundo explicou a supervisora do escritório regional do Dieese, Rosane Maia, é representada principalmente pelo incremento de novas ofertas de emprego no setor de Serviços. Só em dezembro os sub-setores de transporte, armazenagem, oficinas mecânicas e serviços especializados criaram 9.100 empregos.

O comércio e a administração pública, contudo, apresentaram uma queda na oferta de empregos. O comércio, por exemplo, ofereceu apenas 400 empregos

em dezembro, período marcado pelas contratações temporárias. Um total de 15 mil comerciários perdeu o emprego ano passado.

**Oferta** - "A queda na oferta de emprego no comércio (14%) é atribuída a uma falta de dinamismo no setor por causa do poder de compra dos funcionários públicos, que foi bastante afetado pela política de reajuste, e também pela situação de inadimplência dos consumidores em 1996", disse Rosane Maia.

O Setor Público também eliminou 2.500 postos de trabalho. O Dieese atribuiu como causa os pedidos de aposentadorias e também como sinal do reflexo

da demissões voluntárias implementadas pelo Governo Federal. Apesar de continuar representando uma participação muito pequena na economia do DF, o setor industrial apresentou um incremento e criou empregos em 1996. A construção civil, contudo, continua apresentando oscilações. O nível de emprego que estava estável caiu em dezembro. O setor demitiu mil trabalhadores.

A pesquisa de Emprego e Desemprego também confirma queda no rendimento real médio dos trabalhadores. A renda, que era de R\$ 917,00 em outubro, caiu para R\$ 900,00 em dezembro.

## Crise no comércio aumenta após o Natal

Davi Zocoli



**Josilene vai todos os dias Sine**

A comerciária Josilene Feitosa, 24 anos, engrossa o contingente dos desempregados do setor do comércio que procura quase que diariamente o Serviço Nacional de Emprego (Sine) desde que a panificadora que trabalhava na Asa Norte faliu. "Está muito difícil conseguir um novo emprego", disse ela ontem enquanto aguardava na fila do Sine. A dificuldade enfrentada pela comerciária Josilene é reflexo da crise enfrentada pelo comércio de Brasília, confirmada pela Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED-DF).

Em dezembro de 1995, o comércio era responsável pelo emprego de 108.300 trabalhadores, mas no mesmo período do ano passado o número de empregados atingiu 93.300 comerciários, uma queda de 15,0%. Em janeiro

deste ano, o comércio continuou demitindo, principalmente por causa da despena das contratações temporárias do período de Natal.

**Peregrinação** - A comerciária Maria Peixoto, 31 anos, é uma das comerciárias demitidas em janeiro. "No momento que mais precisava porque meu marido, desempregado, será operado brevemente", revela. Ela trabalhava na Loja Fujioka, da 206 Sul, para sustentar os três filhos menores. "Já fiz inscrição em diversas lojas, mas ainda não consegui nada. Por enquanto ela vai sobrevivendo com o dinheiro da indenização e do seguro desemprego, mas está aflita com a expectativa do dinheiro acabar.

Segundo ela, a maior dificuldade de se obter um emprego é porque é mãe de três filhos e mora longe, no Entorno.

"Tenho que pegar diariamente quatro ônibus, ida e volta. É um perfil que não agrada muito aos lojistas", admite.

A história do pedreiro Francisco Belo da Silva, 44 anos, morador do Paranoá, confirma também a dificuldade de se conseguir um emprego no setor de construção civil. Desde que foi demitido há quatro anos da empresa Encol, só faz "bico" para sustentar a mulher e os filhos Elaindo, 13, Renato, 7 e Rafael, 2 anos. "Meu sonho é voltar a trabalhar fichado", revela. Ontem, ele voltou ao posto do Sine para tentar uma vaga no difícil mercado da construção. "O que está salvando é a bolsa-escola que meu filhos recebem", disse.

**Discriminação** - O garçom João de Moraes Cabral, 49 anos, queixa-se da discriminação no mercado de trabalho em Brasília. "O bicho pega mesmo é na